

Desenvolvimento curricular: um processo desafiante, mas complexo

O movimento de desenvolvimento curricular que vivemos atualmente em Portugal no que à disciplina de matemática diz respeito iniciou-se em 2018 com a criação de um grupo de trabalho para elaborar um relatório que caracterizasse o ensino e a aprendizagem da matemática nos últimos 30 anos no nosso país (Canavarro et al., 2020). Este relatório conclui com a apresentação de um conjunto de 22 recomendações que serviram de base ao trabalho que se lhe seguiu, desenvolvido por diversos grupos de trabalho, como seja a elaboração de novas Aprendizagens Essenciais em Matemática para o Ensino Básico e para o Ensino Secundário, bem como a conceção e concretização de dispositivos de capacitação e de formação e o desenvolvimento de um trabalho colaborativo semanal com os professores a lecionarem as turmas que anteciparam a generalização destes novos documentos curriculares. Do exposto pode desde logo afirmar-se que os movimentos de *desenvolvimento curricular se estendem ao longo de um período alargado de tempo*. No presente caso, podemos contabilizar já cinco anos e o processo não está terminado.

Mas o facto de demorarem tempo não é uma limitação ou um constrangimento, é sim uma característica deste processo, um aspeto positivo. O que efetivamente se espera é que o refletir-se como se ensina e aprende matemática implique mudança de práticas, que exige não só grande investimento por parte dos professores, como requer adaptações por parte dos alunos ou mesmo a aceitação de uma nova cultura de sala de aula (com novos papéis a desempenhar pelo professor e pelos alunos, mudança da natureza das tarefas, novos instrumentos de avaliação, ...).

Mudar práticas requer naturalmente um *trabalho acrescido* quando comparado com o que habitualmente acontece. Há que estudar novos resultados da investigação que, por exemplo, identificam e explicam dificuldades ou erros mais frequentes dos alunos e modos de os ajudar a ultrapassar, aprofundar novos temas matemáticos, pesquisar propostas de tarefas para apoiar a aprendizagem matemática dos alunos ... A mudança de práticas exige muitas vezes termos de *sair da nossa zona de conforto* (deixarmos de fazer aquilo que, por tantas vezes o termos feito, nos faz sentir competentes, e logo confiantes). E o que nos garante que uma dada mudança funcione? E funcione para todos os alunos? Sabemos que isso nem sempre acontece. Estas são algumas das razões pelas

quais a opção de trabalharmos colaborativamente é tão importante. O trabalho acrescido pode ser facilitado se feito em conjunto. Também se uma experiência não funciona com um professor do grupo, pode funcionar com outro. Há que analisar a situação, compreendê-la, e avançar. O risco é desistir ao primeiro insucesso, situação muito provável se estivermos a trabalhar sozinhos.

Na dinâmica de trabalho colaborativo que temos vivido ao longo destes dois últimos anos é notória a *aprendizagem que tem acontecido* em todos os elementos do grupo. Os nossos focos vão mudando (as apostas que sentimos que temos de fazer) à medida que consideramos que os vamos de alguma forma resolvendo. Por exemplo, começando com um grande enfoque no papel do professor de modo que os alunos melhorem a sua capacidade de trabalhar com os outros, no momento, o enfoque passa a ser dar maior agência ao aluno através das tarefas a explorar na sala de aula.

Mas será que este processo está terminado? Qual a sustentabilidade de todas as medidas que foram sendo desenvolvidas? Até que ponto ao pararmos tudo não corremos o risco de retrocedermos, de perdermos o que já tínhamos avançado? De que modo a administração central do Ministério da Educação poderá continuar a investir nestes novos documentos curriculares? Poderão os Centros de Formação de Agrupamentos de Escolas apoiar este movimento de desenvolvimento curricular? E as instituições de Ensino Superior que formam professores? E a Associação de Professores de Matemática? Mas talvez o mais importante, o que poderá fazer cada professor que ensina matemática, tanto a nível individual, como institucional, para dar continuidade a este processo?

LEONOR SANTOS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Canavarro, A. P., Albuquerque, C., Mestre, C., Martins, H., Carvalho e Silva, J., Almiro, J., Santos, L., Gabriel, L., Seabra, O., & Correia, P. (2020). *Recomendações para a melhoria das aprendizagens dos alunos em Matemática*. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Estudos_Relatorios/gtm_27_03_2020_relatorio_final.pdf